

ENS A I O

HISTÓRIA E LITERATURA EM EDWARD PALMER THOMPSON

MARCOS ANTONIO DE MENEZES

Universidade Federal de Jataí

Jataí | Goiás | Brasil

pitymenezes.ufg@gmail.com

orcid.org/0000-0001-8472-8186

ESSAY

HISTORY AND LITERATURE IN EDWARD PALMER THOMPSON

MARCOS ANTONIO DE MENEZES

Federal University of Jataí

Jataí | Goiás | Brazil

pitymenezes.ufg@gmail.com

orcid.org/0000-0001-8472-8186

O encanto que encontramos em sua arte não está em contradição com o caráter primitivo da sociedade em que essa arte se desenvolveu. E, ao contrário, sua produção, poder-se-ia dizer melhor que se acha indissoluvelmente ligada ao fato de que as condições sociais imperfeitas em que nasceu e nas quais forçosamente tinha que nascer não poderiam retornar nunca mais
(Marx 2008, 272)

Creio não haver mais discordância entre os historiadores quanto ao fato de a literatura ser uma fonte perscrutável para o fazer historiográfico. Não que o objeto de arte não tenha seus códigos próprios e que devam ser considerados na investigação. “Se as obras de arte são respostas à sua própria pergunta, com maior razão elas próprias se tornam questões” (Adorno 1970, 17).

Não vem de ontem o interesse dos historiadores em investigar os textos literários como fontes passíveis de contribuir com os estudos historiográficos que realizam. Para interrogar o passado, as fontes literárias têm sido mobilizadas com frequência.

Os historiadores passam a utilizar os textos literários não como fontes de feitos militares ou políticos, nem mesmo de outros fatos, pois a própria noção de fato histórico é posta em discussão, mas como uma espécie de “registro dos afetos”, lendo aí vestígios de sensibilidades ou do cotidiano de agentes anônimos da História (Adorno 1970, 17).

Não há, pois, que negar a historicidade das fontes literárias e nem sua beleza; o que devemos fazer “é reconhecer a força reveladora da perfeição estética na obra literária, em relação aos grandes momentos da História” (Adorno 1970, 27).

Como nos ensina Peter Gay, não precisamos, em nome da cientificidade, sacrificar a beleza, alegando ser esta imprecisa; “tratar o estilo como ornamento é dar um conselho ao mesmo tempo ruim e ultrapassado” e, “embora a história, no decorrer dos séculos, tenha muitas vezes trocado de parceiro [...] ela nunca renunciou à sua profícua afeição pela literatura” (Gay 1990, 170-171).

Para aqueles que trabalham, sobretudo, com a história social, a literatura é fonte bastante investigada, fazendo, assim, da literatura o próprio *locus* onde a sociedade é observada e problematizada.

A literatura é um meio para o conhecimento sobre a história. Entretanto, supor que a literatura é uma fonte como outra qualquer para o historiador é apenas enunciar um problema. Afinal, o trabalho de qualquer historiador começa com a problematização das peculiaridades da sua fonte (Duarte 2021, 54).

Entre os historiadores que colocaram a literatura no centro de suas investigações, o inglês Edward Palmer Thompson (1924-1993) merece destaque por ter influenciado muitas pesquisas mundo afora; não que ele tenha criado um método para o uso de tal fonte, mas por ter extraído dela elementos para sua “história vista de baixo”. Pertencente ao grupo dos chamados historiadores marxistas ingleses, como Christopher Hill, Eric Hobsbawm e Perry Anderson, ele marcou profundamente não só a historiografia inglesa do século XX.

Como Karl Marx, Thompson caminhou na contracorrente ao usar a literatura como fonte para a história social e econômica; seu primeiro livro foi sobre William Morris. Quem — senão Thompson — citaria Chaucer, Tristram Shandy, Wordsworth, Dickens e os poetas do século XVIII Stephen Duck e Mary Collier em um artigo sobre “Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial”? Ele não tinha paciência alguma com o determinismo demográfico e estatístico nem com termos enganosamente “neutros” como “modernização” e “industrialização”, usados com o fito de evitar o rude termo “capitalismo”. O marxismo de Thompson era inteiramente alheio a dogmas preconcebidos (Negro 2001, 5).

Thompson interrogava o neoliberalismo e o marxismo ortodoxo. Nunca se definiu como um culturalista, pois, para ele, o estudioso ou o estudo que se fecha em uma teoria e uma conclusão está condenado. Tentava imprimir em seu fazer historiográfico o movimento e a dialética da cultura e do fazer-se das classes.

A literatura invadia a produção de Thompson como *mónoda*¹ que o ajudava a decifrar o mundo social. O uso de textos literários não se restringia a uma única obra dele, mas se esparrama por toda sua criação, de livros a artigos e entrevistas. O que Thompson queria ao usar tal fonte era a corroboração para ler o mundo dos homens. Literatura e história eram, para ele, parte do todo.

A primeira obra de fôlego escrita por Thompson em 1955 foi uma biografia do designer têxtil, poeta, romancista, tradutor e ativista socialista inglês William Morris (1834-1896) e recebeu o título *William Morris: romantic to revolutionary* (1988). Foi publicada em espanhol e ainda não teve tradução para o português.

Esse trabalho de Thompson permanece insuperável, ainda hoje, como obra definitiva sobre essa figura notável. Com paixão e domínio histórico, ele inaugurou sua produção, pesquisando um artista e militante socialista exemplar.

É possível afirmar que foi com William Morris que Thompson ouviu o estalo da conexão entre as sensibilidades e ideias com a base econômica. Morris foi o sujeito que Thompson levou para trabalhar suas inquietações contemporâneas. A partir dele, Thompson teceu, indiretamente, críticas tanto ao mundo soviético quanto ao mundo ocidental.

William Morris era um materialista histórico, profundamente influenciado por Marx; foi, em certo sentido, o primeiro marxista importante da língua inglesa. De modo que tudo se uniu. A defesa da tradição de Morris (que levei a cabo) implicava uma resistência ao princípio do stalinismo. Mas não era suposta oposição ao marxismo; o que eu supunha reabilitar eram categorias e vocabulários perdidos da tradição marxista. Mas esse “vocabulário” de Marx estava formado em parte por “silêncios”: hipóteses não articuladas e reflexões não conscientes (Merrill 2014, 443).

¹ Para compreensão do termo, ver: Benjamins 1987.

No fim da vida, Thompson se dedicou ao estudo do poeta, pintor e tipógrafo inglês William Blake (1757-1827). O trabalho foi publicado com o título *Witness against the beast* (1993), também sem tradução para o português. Thompson estava interessado em organizar um estudo sobre o poeta bengalês Tagore² (1861-1941). Esse panorama traz a ideia do quão plural era a discussão com a literatura para Thompson. “Nesses livros, bem como em tudo que escreveu, Edward percebia uma grande variedade de formas de expressão literária, não como ‘ilustrativas’ dos movimentos que estava estudando, mas como parte essencial destes” (Thompson 2002, 7).

Em *A formação da classe operária*, Thompson cita Blake para mostrar como a voz do poeta podia ser ouvida em meio à “dissidência londrina, com sua franja de deístas e místicos exaltados, William Blake não mais se apresenta como aquele gênio inculto e excêntrico [...] Pelo contrário, ele é a voz original e autêntica de uma longa tradição popular” (Thompson 1987, 53). Blake, que invadiu o último trabalho de Thompson, apontou como a literatura tem força para o pensamento do historiador.

Desde pequeno, Thompson tinha relação com a literatura. Seu pai era poeta. Contava que, entre os amigos que visitavam sua família, havia poetas e escritores. Seu irmão, Frank Thompson (1920-1944), foi poeta; alguns de seus poemas estão reunidos em *There is a spirit in Europe*. Nas cartas que trocava com os irmãos, há recomendações de leituras de romancistas e poetas — entre eles William Morris e Louis Aragon. De forma geral, a literatura esteve presente na vida familiar de Thompson e permaneceu.

Edward Thompson não só consumia literatura, mas também escreveu peças de ficção e poesia. Reunidos em *Collected poems* (1999) estão 42 poemas escritos por ele. Escreveu também um livro de ficção científica: *The Sykaos papers* (1988). Então, não foi nem um pouco fortuito seu uso da literatura como fonte.

Tanto no livro sobre Morris como no trabalho sobre Blake lemos uma intensa crítica à formação da sociedade burguesa inglesa, aquela que se consolidou desde a revolução do século XVII e que encontrou seu apogeu na industrialização do século XIX. “Este tipo de crítica social ao capitalismo industrial encontra-se em Blake e Wordsworth muito explicitamente e está presente em Morris. Ela é totalmente complementar e de nenhum modo conflituosa com a tradição marxista” (Merrill 2014, 444).

Então, não é mera coincidência que Thompson tenha começado e terminado sua produção intelectual investigando dois artistas que produziram suas obras no final do século XVIII e ao longo do século XIX. O interesse de Thompson era investigar a formação da classe operária inglesa e intuía que as artes, ou melhor, a literatura produzida por esses dois artistas poderia revelar traços significativos da sociedade ao tempo que foram produzidas.

Para Thompson, a literatura que se produziu naquele período poderia ser fonte para revelar a sociedade na qual ela foi criada. “Sua conclusão foi que [...] era preciso considerar os significados sociais, políticos e culturais do espaço social, que separava as classes educadas e as classes populares” (Duarte 2021, 61).

² Rabindranath Tagore, alcunha Gurudev, foi um polímata bengali. Como poeta, romancista, músico e dramaturgo, reformulou a literatura e a música bengali no final do século XIX e início do século XX. Em 1913 tornou-se o primeiro não europeu a ganhar o Nobel de Literatura.

Quando William Morris juntou a crítica romântica à marxista e escreveu sobre a “baixeza moral inata” do sistema capitalista, não descreveu uma superestrutura moral derivada de uma base econômica. Ele quis dizer — e demonstrou amplamente seu significado — que a sociedade capitalista estava fundada sobre formas de exploração simultaneamente econômicas, morais e culturais (Negro; Silva 2011, 166).

As afinidades eletivas entre Thompson, Morris e Blake passavam pela crítica mordaz que faziam ao desenvolvimento da sociedade inglesa que, para eles, dava-se às custas da classe operária que seria invisibilizada inclusive pela tradição literária. A militância política à esquerda dos autores e o apego às tradições revolucionárias jacobinas marcaram a crítica que fizeram ao desenvolvimento do capitalismo.

Os três autores se filiavam à tradição do romantismo de esquerda inglesa, que abarcou inclusive o socialista mais célebre da Europa: Marx, que na sua rejeição ao mundo do capital, fez um velado flerte com o romantismo, primeiro o alemão e depois o inglês da tradição de Thompson.

Do início ao fim, de Morris a Blake, a criação de Thompson se voltou para o romantismo. Trabalhos como *A formação da classe operária* e *Costumes em comum* são tributários do seu apego ao romantismo, no qual ele via uma crítica à perda de humanidade dos homens com o advento da modernidade; não que fosse um passadista, mas por enxergar, em seu próprio tempo, tal perda.

As obras de ficção foram levadas para a mesa de trabalho de Thompson, aproximando sua própria experiência de amante da literatura e poeta e sua tradição familiar. Como historiador, ele interrogou a literatura para extrair dela indícios de um passado que não queria se calar no seu presente. Foi a sua experiência que o conduziu às obras de ficção.

A literatura é essencialmente uma reorganização do mundo em termos de arte; a tarefa do escritor de ficção é construir um sistema arbitrário de objetos, atos, ocorrências, sentimentos, representados ficcionalmente conforme um princípio de organização adequado à situação literária dada, que mantém a estrutura da obra (Cândido 1972, 187).

Desde os 16 anos, início da década de 1940, Thompson estava ligado ao Partido Comunista e militava em associações em defesa dos trabalhadores. Sua militância não era só teórica como pensador, mas prática, participando de lutas concretas. No interior do Partido, com outros militantes, criou um grupo de estudiosos da sociedade inglesa que usou como ferramenta de análise do marxismo.

Mas sua adesão às teses da 3ª Internacional foram por terra em 1956, quando o secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), Nikita Krushev (1894-1971), durante o 20º Congresso do PCUS, responsabilizou Josef Stálin (1878-1953), que governou a União Soviética de 1922 até morrer, em 1953, de ter praticado uma política sistemática de tortura e execução de seus opositores no partido.

Em 4 de novembro de 1956, um grande exército soviético invadiu Budapeste, capital da Hungria, e outras regiões do país para reprimir o que seria a Revolução Húngara, revolta popular espontânea contra as políticas impostas ao governo da República Popular da Hungria pela União Soviética.

Esses fatos fizeram que intelectuais de esquerda ao redor do mundo se desligassem das estruturas do Partido Comunista. Foram os casos de Claude Lefort (1924-2010), Castoriadis (1922-1997) e Merleau-Ponty (1908-1961), na França, e particularmente Thompson, na Inglaterra.

À luz de sua decepção com o que acreditava ser uma oposição legítima ao capital, mas sem abandonar o materialismo dialético, Thompson, impulsionado pelos problemas de seu tempo, voltou-se para a tradição romântica inglesa e leu, nos literatos dos séculos XVIII e XIX, como eles se posicionaram frente à degradação do mundo do trabalho com o crescente aumento de poder da burguesia com seu plano de expansão capitalista.

Seu livro póstumo de 1997, *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*, organizado por sua mulher Dorothy Thompson (1923-2011) e que reúne diversos artigos sobre a literatura romântica do final do século XVIII, tem a proposta de compreender a trajetória de alguns escritores adeptos às propostas da Revolução Francesa, mas que no final da década de 1790 estavam desencantados com os rumos que a revolução havia tomado.

Há no posfácio do livro uma advertência de Dorothy de que Thompson gostaria de ter podido escrever mais sobre a escritora romântica, filósofa, e defensora dos direitos da mulher inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797). Thompson desejava escrever sobre a situação da mulher no início do romantismo e a figura escolhida “foi a de Mary Wollstonecraft, cuja vida e obra ele estudara e sobre quem pretendia escrever de modo mais completo” (Thompson 2002, 297).

As experiências de Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), William Wordsworth (1770-1850), William Godwin (1756-1836) e John Thelwall (1764-1834), adeptos do jacobinismo, mas decepcionados com o “Período do Terror” e depois com as guerras napoleônicas, somaram-se à própria experiência de Thompson desiludido com o PCS pós-1956.

Em *Românticos* sua atenção recai sobre autores que, ao menos naqueles anos revolucionários, faziam dessa gente comum tema constante de suas produções [...] Thompson assume a preocupação em compreender os pontos de vista de tais literatos nos embates e tensões que marcaram o período (Pereira 2004, 304).

Privilegiando a relação entre literatura e a experiência histórica, Thompson, ao longo dos nove artigos que compôs a obra, traçou muitas vezes um paralelo entre sua própria experiência e aquela “estabelecida pelos poetas românticos com a vida e os costumes dos camponeses ingleses do final do século XVIII” (Pereira 2004, 305).

Fica bastante óbvio que há, nessa história, um certo paralelo com nossos próprios tempos. Esse é um dos fascínios da época. E um dos seus perigos. Surgem as comparações fáceis, e estas se encontram subjacentes até mesmo quando ocultas. [...] As grandes crenças políticas do humanismo levaram uma tremenda surra durante aqueles anos, e têm tomado outra surra no nosso próprio meio século (Thompson 2002, 96-97).

Com a publicação de *Os românticos* e sua tradução para o português foi possível, principalmente no Brasil, superar uma leitura da obra de Thompson que privilegiava somente o viés da história econômica em prejuízo de sua relação com a crítica romântica da modernidade. Até o início deste século havia poucas referências sobre seu interesse pela literatura, especialmente pela romântica.

A destruição da individualidade em detrimento do sentimento foi duramente censurada pela crítica romântica ao capitalismo, crítica que Thompson recuperou nos literatos dos séculos XVIII e XIX, Coleridge, Wordsworth e Thelwall e de seu tempo, encontrando amparo na tradição marxista.

O essencial encontra-se em um certo número de análises marxistas, ou influenciadas pelo marxismo, para as quais o eixo comum, o elemento unificador do movimento romântico, em grande parte, se não na totalidade de suas manifestações nos principais centros europeus (Alemanha, Inglaterra, França), *é a oposição ao mundo burguês moderno* (Löwy 2015, 29).

A formação da classe operária inglesa, obra pensada por ele para resolver um problema econômico de ordem pessoal — “aceitei escrever *A formação* porque estava mal financeiramente e um editor queria um livro sobre a classe operária inglesa de 1832 a 1945” (Merrill 2014, 432) —, é, com certeza, a obra mais referenciada de Thompson e a que o apresentou ao mundo da historiografia não inglesa.

O objetivo de Thompson nesse livro era estudar a classe trabalhadora como acontecimento. Queria observar como contextos históricos determinados produziam a experiência e esta, a consciência de classe. A partir dessa premissa, Thompson enunciou, com inconfundíveis traços românticos, seu empreendimento historiográfico.

A crítica à civilização industrial (capitalista) corre como um fio condutor através dos escritos políticos, teóricos e historiográficos de Edward Palmer Thompson. A originalidade, a novidade, a força subversiva e a coerência de seus trabalhos históricos estão intimamente ligadas à sua capacidade de redescobrir e reformular em termos marxistas (heterodoxos) a tradição romântica de crítica da modernidade (Löwy 2014, 296).

Em consonância com os pressupostos da história social, ou ao menos de sua nova corrente que ele integrava, Thompson escreveu, no prefácio de *A formação da classe operária inglesa*:

Estou tentando resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro ludita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico” [...] Seus ofícios e tradições podiam estar desaparecendo. [...] Suas aspirações eram válidas nos termos de sua própria experiência (Thompson 1987, 13).

Desde a década de 1970, a obra de Thompson vem recebendo apropriações de historiadores brasileiros que se dedicam a pesquisas que buscam mostrar a participação das “classes vindas de baixo” na formação da sociedade. Sua recepção no Brasil foi, de início, entre os círculos de historiadores que se apreçoavam marxistas, assim como Thompson.

Se Edward Thompson se colocava dentro da tradição marxista foi também para combater certas noções cristalizadas desta que se pôs a escrever a obra:

Por outro lado, foi, de algum modo, uma polêmica contra as notações economicistas abreviadas do marxismo que estavam claramente manifestadas nas discussões que rodeavam dentro e fora do movimento comunista de 1956 em diante até a elaboração da Nova Esquerda (*New Left*). Nessa tradição, a noção muito simplificada da formação da classe operária era a de um processo determinado: energia a vapor + sistema industrial = classe operária. Certos tipos de matéria-prima, como a “migração dos camponeses para fábricas”, juntam-se para produzir uma quantidade determinada de proletários com consciência de classe. Eu polemizava contra essa noção para mostrar que existia uma consciência plebeia refletida nas novas experiências sociais que estavam ocorrendo, as quais foram tratadas por formas culturais pelas pessoas, originando, a partir de então, uma consciência transformada (Merrill 2014, 418-419).

Thompson escreveu o livro quando era professor de adultos em escolas de sindicatos e dando aulas noturnas. A intenção foi criar narrativas que encontrassem eco na própria experiência de quem as ouvia. Então, a obra que foi celebrada pelo público acadêmico não foi escrita para este, mas sim para o operário que, ao estudar, recebia formação política.

Esse público estava presente junto ao público de esquerda, do movimento operário e da Nova Esquerda. Pensava nesse tipo de leitor quando escrevia o livro, algo evidente por conta de minha atitude bastante irreverente com as convenções acadêmicas (Merrill 2014, 419).

Há, em *A formação da classe operária inglesa*, diversas referências ao poeta William Blake por ser ele um artesão que compunha o universo que Thompson desejava investigar, mas seu recurso à literatura ou a literatos, nesta obra, não se restringiu apenas a Blake. Para escrever boa parte do capítulo três, “Um exército de justiceiros”, ele recorreu ao romance *Shirley* (1849) de Charlotte Brontë (1816-1855).

Thompson lançou mão de tal obra para narrar as revoltas dos ludistas³, ocorridas entre 1811 e 1812, contra a adoção de máquinas nas oficinas e fábricas que iria substituir grande parte da mão de obra. No final do século XIX, as histórias dos sobreviventes dos protestos de quebra de máquinas foram recolhidas por memorialistas locais e foram esses depoimentos, junto com notícias de jornais da época, que Thompson usou para sua narrativa e recorreu ao romance para corroborar os fatos e cobrir lacunas dos depoimentos orais. No caso do ataque à fábrica de Gérard Moore, ele acentuou:

Parte do pano de fundo nos é fielmente apresentado em *Shirley*, de Charlotte Brontë. O dono da fábrica, Gérard Moore (baseado em Cartwright), é corretamente mostrado como elemento pertencente à classe média semi-*whig*, semirradical, cujo órgão era o *Leeds Mercury* – indiferente ou contrário à guerra, ansioso pela remoção de todas as restrições ao comércio, agudamente crítico contra as políticas ministeriais e, principalmente, do Conselho de Ordens (Thompson 1987, 133).

³ Trabalhadores do ramo da indústria têxtil inglesa que no século XIX se notabilizaram pela destruição de máquinas como forma de protesto.

Outra ação ludista aconteceu na noite de 11 de abril de 1812, quando um grupo de aproximadamente 150 trabalhadores atacaram a fábrica Rawfolds Mill, de propriedade de William Cartwright, na cidade de Huddersfield, que integrava a área do Spen Valley (norte de Inglaterra). A revolta era contra a perda de seus meios de subsistência e a destruição de seu modo de vida tradicional que a adoção de máquinas, a automação, representava.

O grupo era liderado por George Mellor, um jovem trabalhador letrado e com militância política. O proprietário reuniu homens armados e enfrentou os invasores; dois homens morreram e os trabalhadores foram obrigados a fugir com as balas assobiando perto de suas cabeças. Naquela noite, a lua testemunhou um banho de sangue. O governo enviou reforços e os líderes do movimento foram presos e condenados à morte. Dezesete ludistas, incluindo Mellor, foram enforcados em janeiro de 1813.

O tiroteio em Rawfolds teria tido como desdobramento uma “reconciliação emocional” entre os grandes donos de fábricas e as autoridades do governo. O interesse econômico triunfou e a lealdade entre os industriais e o governo, contra os operários jacobinos, revelou-se nesse incidente dramático. Essa reconciliação emocional, aprofundou ainda mais o antagonismo entre as classes médias, os industriais e as autoridades governamentais contra os operários fabris (Duarte 2021, 58).

O recurso à literatura em Thompson era de visitá-la como mais uma fonte que trazia indícios dos possíveis acontecimentos do passado. Ele tinha consciência de se tratar de uma fonte de outra natureza, diferente dos relatos orais, mas não teorizou sobre ele.

Em *Shirley*, ele sabia que tinha uma narrativa que ia na contramão dos depoimentos deixados por aqueles que teriam participado dos acontecimentos em abril de 1812. Ele não procurou no romance a opinião dos ludistas, mas queria ver, na obra, expressão do pensamento romântico burguês por meio das personagens e representações dos sentimentos de quem defendia o capital e condenava a luta dos trabalhadores. “As limitações de *Shirley*, evidentemente, residem no tratamento dispensado aos ludistas e seus simpatizantes. Mas a novela continua uma expressão autêntica do mito da classe média” (Thompson 1987, 134).

Thompson não retirou a obra de Brontë de seu contexto social, político e econômico, pensando-a em seu tempo e contexto. Assim, esse documento foi posto ao lado de outros produzidos na mesma época e contexto e que, em diálogo, iam se complementando. Quando Thompson escreveu sua obra ele estava afastado do contexto que gerou o quebra-quebra de máquinas em 1812 e do que gerou a obra de Brontë em 1849, e foi respeitando a historiografia de ambos que ele construiu sua narrativa.

Para falar sobre o movimento ludista, o romance *Shirley* foi consultado e a parte que narra o ataque à fábrica de Gérard Moore, no Spen Valley, foi perscrutado, lendo e relendo linhas e entrelinhas para compor o mapa dos acontecimentos mostrados pelos testemunhos orais. Se não há no romance a fala dos trabalhadores revoltados, Thompson contrapôs a ampla visão dos proprietários que marca o texto às fontes da imprensa e aos depoimentos.

A formação da classe operária inglesa traz referência à literatura, na forma de poesia, romance, teatro e música. Thompson, que se propôs a escrever uma obra para “resgatar o pobre tecelão de malhas, o meeiro ludita, o tecelão do “obsoleto” tear manual, o artesão “utópico”” (Thompson 1987, 13) usou esses documentos — é verdade que não falou sobre seu método e sua teoria — sem medo das críticas advindas do mundo acadêmico.

Forma literária e conteúdo social perseguiram Thompson em todas as suas obras e “emergem entrelaçados numa relação de determinação recíproca” (Duarte 2021, 64). Assim, se as obras de arte, como quer Adorno, guardam um conteúdo de verdade, em Thompson elas se fundiram com um conteúdo crítico.

Thompson fez da teoria marxista um pensamento ativo e uma teoria que não fica única e exclusivamente no campo das abstrações. As categorias analíticas do marxismo, nas mãos de Thompson, transformam-se em categorias que nos permitem entender a maneira pela qual se constituem os modos de vida e a consciência dos grupos sociais que lutaram e resistiram ao capitalismo (De Decca 1995, 112).

Como um *luthier* ardiloso, Thompson construiu uma trama que amarra o texto literário à experiência histórica. Soube com maestria prescrutar a experiência dos literatos dos séculos XVIII e XIX e a cruzar com a vida e os costumes dos camponeses ingleses do período. Todos foram apreendidos a partir de sua experiência; não era uma ligação mecânica e pontual que realizava. “Texto e contexto deveriam, para Thompson, ser analisados em conjunto, levando-se em conta suas influências recíprocas” (Pereira 2004, 306).

Neste ano que marca o centenário de nascimento deste que foi o *spalla* de toda uma geração de historiadores que se ligavam à tradição marxista nos estudos históricos, é mais que pertinente lembrarmos que Thompson não só usou a literatura como fonte, mas a colocou no centro de seus interesses. No seu texto, o externo se interioriza, texto e contexto se unem para produzir não uma filigrana, mas uma trama sólida que sustenta toda a narrativa.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 1970.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRONTË, Charlotte. *Shirley*. London: Smith, Elder & Co, 1849.
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade: estudos da teoria e história da literatura*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.
- CHIAPPINI, Ligia. *Literatura e história: notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos*. *Literatura e Sociedade*, v. 5, n. 5, p. 18-28, 2000.
- DE DECCA, Edgar Salvadores. *E. P. Thompson: um personagem dissidente e libertário*. *Projeto História*, v. 12, p. 109-118, 1995.
- DUARTE, Adriano. *Literatura, política e história na obra de E. P. Thompson*. *Ar Cultura*, v. 23, n. 42, p. 50-65, 2021.
- GAY, Peter. *O estilo na história: Gibbon, Ranke, Macaulay, Burckhard*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- INGLINS, Fred (ed). *E. P. Thompson: collected poems*. Newcastle: Bloondaxe Books, 1999.
- LÖWY, Michael. *E. P. Thompson (1924 – 1993): a religião dos trabalhadores*. *História e Perspectivas*, v. 1, p. 295-311, 2014, p. 296.
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contracorrente da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008
- MERRILL, Michael. *Uma entrevista com E. P. Thompson*. Tradução de Sérgio Paulo Morais e Rafael Correia Rocha. *História e Perspectivas*, v. 1, p. 417-445, 2014.

- NEGRO, Antônio Luigi; SILVA, Sérgio (org.). *E. P. Thompson: a peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*, de Edward Palmer Thompson. Cadernos AEL, v. 11, n. 20/21, p. 303-3011, 2004.
- THOMPSON, Dorothy. *Prefácio*. In: THOMPSON, E. P. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- THOMPSON, E. P. *The Sykaos papers: being an account of the voyages of the poet Oi Paz to the system of strim in the seventeenth galaxy*. New York: Panther Books, 1988.
- THOMPSON, E. P. *William Morris, de romântico a revolucionário*. Valencia: Edicions Alfons El Magnànim, 1988.
- THOMPSON, E. P. *Witness against the beast: William Blake and the moral law*. New York: The New Press, 1993.
- THOMPSON, Theodosia Jessup; THOMPSON, Edward Palmer (ed.). *There is a spirit in Europe... a memoir of Frank Thompson*. London: V. Gollanez, 1947.
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa* (3 v.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, E. P. *Os românticos: a Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

História e Literatura em Edward Palmer Thompson
Ensaio recebido em 03/01/25 • Aceito em 08/07/25
Revista de Teoria da História | issn 2175-5892



Este é um artigo de acesso livre distribuído nos termos da licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o trabalho original seja citado de modo apropriado